

GILBERTO FREYRE E A CRÍTICA AOS ESTRANGEIRISMOS PRESENTES NO MODERNISMO BRASILEIRO DO EIXO RIO - SÃO PAULO (1922)^[1]

CLAUDIO MARCIO COELHO^[2]
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Debate em Teoria Social

GT17: Pensamiento Latinoamericano y Teoría Social

RESUMO

A década de 1920 iniciou com um acirrado debate sobre a nação brasileira e suas mazelas. Neste contexto, o jovem pernambucano Gilberto Freyre travou proficuas discussões com diversos intelectuais brasileiros, apresentando inovações científicas como: pluralismo documental, teórico e metodológico; perspectiva indiciária; história da intimidade; sociologia do cotidiano; regionalismo. Sua crítica voltou-se principalmente para a importação de modelos estrangeiros como o “futurismo de Marinetti” e sua influência estética-conceitual no Modernismo Brasileiro do eixo Rio-São Paulo. Freyre defendeu a construção de nossos próprios modelos intelectuais, artísticos, políticos e econômicos, para pensar o Brasil e a América Latina. Era preciso voltar-se para a realidade nacional e latinoamericana, ao invés de ater-se ao que estava escrito nos livros estrangeiros.

Palavras-chave: Modernismo brasileiro. Regionalismo. Brasil. Gilberto Freyre.

INTRODUÇÃO

*É tempo do Brasil desapegar-se das fórmulas vagas, procurando
ver e observar os seus problemas em vez de ater-se
ao que está escrito nos livros estrangeiros.
O Brasil quer líderes de cultura e ao
mesmo tempo capazes de ação.
O Brasil quer homens de fé e
personalidade, á frente
dos seus destinos.*^[3]

Gilberto Freyre (1917)

A década de 1920 iniciou com um acirrado debate sobre a nação brasileira. Na avaliação da maioria dos pensadores da época, o país estava marcado pelo atraso. Diferentes projetos intelectuais disputavam a legitimidade político-intelectual que pudesse definir o Brasil moderno. Neste sentido, o ano de 1922 pode ser considerado paradigmático, pois concentrou acontecimentos importantes como a primeira manifestação do Movimento Tenentista, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a Semana de Arte Moderna e a comemoração do Centenário da Independência: marcos fundadores de um “novo” Brasil.

Intelectuais como Mário de Andrade, Oliveira Viana, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Licínio Cardoso, Menotti del Picchia, Tristão de Ataíde e Alberto Torres enfrentaram o desafio de reinterpretar o

passado, diagnosticar o presente e projetar o futuro. Não bastava interpretar o país, era preciso garantir-lhe um lugar na modernidade e no século XX. Apesar da diversidade de perspectivas e projetos, nossos intelectuais debruçavam-se sobre o mesmo desafio. Assim, amantes do campo e da cidade, ruralistas e industrialistas, conservadores e vanguardistas, consideravam-se porta-vozes exclusivos de nossa modernidade no pós-guerra.

O desconhecimento das reais condições do Brasil pela maioria dos brasileiros e de seus intelectuais, e a adoção irrestrita de modelos políticos estrangeiros, eram apontados como entraves para a construção da nacionalidade. Neste contexto, intelectuais como Alberto Torres denunciavam o artificialismo das instituições brasileiras, defendendo o abandono de modelos importados e a adoção de uma análise estritamente “científica” da realidade nacional. Mas também era preciso uma ação mais efetiva: “Tenhamos em mente que as nações que se formam espontaneamente em nossa época são construídas por seus dirigentes, são obras d’arte políticas” (Motta, 1992, p.28-9). Torres compreendia a necessidade imediata de uma ação política através da imprensa, da educação, da opinião pública e da ciência, isto é, das esferas de atuação do intelectual e do político, para a construção de nossa identidade, nacionalidade e modernidade.

Os valores que sustentavam a *Belle époque* – o otimismo científicista, o liberalismo, o racionalismo – cederam espaço para a crescente vontade de renovação intelectual, científica e cultural. A Revolução Russa e o fim da Primeira Guerra Mundial contribuíram para o crescimento de uma inquietação intelectual que culminou na superação gradativa das “velhas” noções científicas euclidianas e newtonianas, em que se apoiava o saber das ciências exatas, abaladas principalmente pelas novas concepções da Física e da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

O desencanto com os princípios racionais abriu espaço para o estudo dos fenômenos até então obscuros e desprezados pelos cientistas. Crescia o interesse pelo estudo do inconsciente e pelas filosofias que apreçoavam a influência dos sentimentos e das emoções, e valorizavam a imaginação na análise da realidade. Este movimento renovador significou a tentativa de sistematização de conhecimentos científicos baseados na introspecção humana, que consistia em ir ao fundo de nós mesmos e buscar as raízes, as forças míticas, primitivas, psicológicas e antropológicas da *psyché*, segundo a Psicanálise, de Sigmund Freud.

No Brasil, a repercussão deste processo provocou a necessidade de fazer emergir o “verdadeiro espírito nacional”, desprezado e relegado, a segundo plano, “pelo encanto que a mágica cosmopolita da *Belle époque* prometera em grandiosas exposições universais” (Motta, 1992, p.32). Assim, o nacionalismo passou a ser encarado como uma atitude intelectual.

Os intelectuais brasileiros definitivamente comprometidos com a construção de um Brasil moderno oscilavam entre a tradição e a vanguarda. Os entusiastas das vanguardas européias pretendiam o rompimento com os valores “clássicos” para “sintonizar a realidade nacional com o ritmo veloz e febril do novo mundo urbano e industrial” (Motta, 1992, p.34). Os tradicionalistas, filiados as correntes européias conservadoras, apelavam para os valores “sólidos” da tradição rural, o apego à natureza, a valorização da atividade agrária e o repúdio ao industrialismo e a vida urbana, litoralista, cosmopolita e liberal. Apesar de interpretações múltiplas e contraditórias, e de caminhos divergentes, nossos intelectuais concordavam com a necessidade de novos parâmetros que definissem e viabilizassem a nação moderna, pois o modelo de uma República fundamentada no espírito da *Belle époque* parecia esgotado.

1 - O MODERNISMO BRASILEIRO E O REGIONALISMO DE GILBERTO FREYRE

No início do século XX, o “Manifesto Futurista” de Marinetti exaltava a vida moderna com sua apologia aos “aeroplanos”, “locomotivas” e “oficinas”, e manifestava o desejo da vanguarda europeia de superação do passado e de glorificação do presente. Mas um presente corporificado no maquinismo e no cenário urbano-industrial, panorama que traduzia magistralmente o contexto moderno. Perspectiva moderna e futurista evidenciada pelas caricaturas urbanas do expressionista alemão Georg Gross, nos poemas do belga Emile Verhaeren dedicados às *Villes tentaculaires*, e na paisagem fragmentada de Cidade, do pintor impressionista francês Fernand Léger – professor de artistas brasileiros, de Tarsila do Amaral a Lúcia Clark.

A inquietação intelectual deste período fomentou o surgimento de uma pluralidade de correntes e perspectivas em todos os campos da cultura, transformando o cenário político, intelectual e cultural em um laboratório de concepções. A corrente reconhecida como vanguardista invadiu a música, a pintura, a literatura e a escultura: o Futurismo (1909), o Expressionismo (1910), o Cubismo (1913), o Dadaísmo (1916) e o Espírito-novismo (1918).

O “Modernismo Oficial” – carioca e paulista – amadureceu em contato com as novas manifestações estéticas europeias. Oswald de Andrade esteve em Paris (1912) e sofreu influência do futurismo de Marinetti. Neste mesmo ano, Manuel Bandeira absorveu o neosimbolismo do poeta Paul Éluard, que conheceu na Suíça. Tristão de Ataíde e Graça Aranha conheceram as vanguardas europeias centradas em Paris. A poesia moderníssima de Sérgio Milliet vinha da Paris de Apollinaire, Max Jacob e Blaise Cendrars.

Os processos de renovação cultural e artística do eixo Rio-São Paulo e do Nordeste manifestaram-se em cenários e regiões marcadamente contrastantes, e exerceram influências diferentes na formação dos intelectuais, escritores e artistas brasileiros da época.

Em 1920, a cidade de São Paulo já era praticamente moderna, sobretudo do ponto de vista urbano, onde a herança colonial e imperial estava se dissolvendo rapidamente em virtude do dinamismo gerado pelos imigrantes, pela riqueza do café e pelo acelerado processo de industrialização. Predominava a preocupação com o presente e as promessas e expectativas de um futuro de novas conquistas com desenvolvimento e progresso. O rótulo de “futuristas” expressa com propriedade a postura do movimento modernista carioca e paulista, pois apesar de suas diferenças e especificidades em relação ao Movimento Futurista Italiano de Marinetti, o “Modernismo Brasileiro” celebrava a urbe moderna, o dinamismo e a confiança no futuro.

Em *Paulicea desvairada* (1921), livro emblemático do modernismo paulistano, Mário de Andrade ironizou o caráter informe e caótico da São Paulo da década de 20, mas não escondeu seu orgulho pelas “admiráveis” realizações de seus conterrâneos. No poema *O domador*, Andrade expressou um olhar ao mesmo tempo irônico e afetivo, satírico e entusiasta da paulicéia modernista onde o “imigrante e o automóvel constituíam, simultaneamente, atores e emblemas de um mundo vigoroso e confiante que brotava e crescia a cada dia em São Paulo” (Almeida, 2003, p.319).

O Modernismo Brasileiro alcançou sua maior expressão com a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922. Nas noites de 13, 15 e 17 de fevereiro, o público reunido no Teatro Municipal de São Paulo escutou música de Heitor Villa-Lobos, poemas de Manuel Bandeira e textos de vários autores: Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Plínio Salgado. No saguão do teatro foram expostas obras dos artistas plásticos Goeldi e Rego Monteiro, quadros de Anita Malfatti, Zina Aita e Di Cavalcanti e esculturas de Vítor Brecheret, entre outros, e a músicas de Ernani Braga e Guiomar Novais. A conferência de Graça Aranha anunciava a tormenta iminente: “Da libertação de nosso espírito, sairá arte vitoriosa. E os primeiros anúncios da nossa esperança são os que oferecemos aqui à vossa curiosidade. São estas pinturas extravagantes, estas esculturas absurdas, esta música alucinada, esta poesia aérea e desarticulada. Maravilhosa aurora!”. Oswald de Andrade pronunciou: “Carlos

Gomes é horrível!”. O auditório foi tomado por vaias, insultos e impropérios contra poesias declamadas sem rima e falando de coisas “não poéticas” (Barros, 1980, p.197-201).

No dia 18 de fevereiro, a “Secção Livre” do jornal O Estado de São Paulo divulgava a nota: “Na última pagodeira da Semana Futurista foi preciso fechar as galerias para evitar que o palco se enchesse de batatas”. A Semana de Arte de 22 foi influenciada pelo Futurismo e por outras correntes estéticas da Europa. Sua principal contribuição foi a ruptura: fez ruir as velhas formas acadêmicas. Menotti del Picchia afirmou: “A nossa estética é da reação. Como tal é guerreira [...] Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa arte”. Paulo Prado afirmou: “O mundo já está cansado das fórmulas do passado; em toda parte, em todos os terrenos – na estática da rua, no anúncio, nos reclames, nos jornais ilustrados, nas gravuras, na mobília, na moda – com uma alegria iconoclasta e juvenil se quebram os antigos moldes” (*Idem*).

Em maio de 1922, os modernistas começaram a publicar em S.Paulo a revista Klaxon, que durou até 1923. Klaxon era a denominação da buzina localizada na parte exterior do automóvel, um dos símbolos mais expressivo desta nova época. Palavra que apareceu nos poemas de Blaise Cendrars e nos versos de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, representava o dinamismo e progresso. Revista organizada e dirigida por um grupo de modernistas (Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e outros) que trazia matérias sempre assinadas, crônicas, artigos e poemas escritos (às vezes) em francês. Defendia a arte moderna e apresentava os “modelos” europeus: Gabriel d’Anunzio, Marinetti, Picasso, Cocteau, Stavinsky e outros. A Klaxon publicou versos e anúncios de Guilherme Almeida, que anteciparam a poesia concreta dos anos 50, e gravuras de artistas como Di Cavalcanti e Brecheret.

Em 1922 e 1923, Gilberto Freyre manteve contatos prolongados com artistas brasileiros em Paris e Lisboa: Vicente do Rego Monteiro, Tarsila do Amaral e Vítor Brecheret – “todos em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem ao Brasil”. Freyre registrou em seu diário que estava lendo “alguma literatura modernista já aparecida no Brasil”, e comentou a importância do movimento modernista do Rio e São Paulo:

[...] temos que estar atentos ao que nos prometem os bons modernos do Rio e de São Paulo, que não fazendo do “modernismo” seita, começam a escrever a língua portuguesa e a tratar de assuntos – inclusive os velhos ou de sempre – com nova atitude ou lhes dando um novo sabor: Bandeira, Ribeiro Couto, Drummond, Emílio Moura, Prudente, Sérgio, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Andrade Murici, Grieco. Alguns eu conhecia desde a Europa. Noutros venho sendo iniciado por José Lins. Com eles, a língua portuguesa talvez se liberte daquele artificialismo castiço que faz de certos puristas umas caricaturas de si próprios. Há o perigo oposto: o do artificialismo dos antipuristas por “modernismo” sectário. Um modernismo tão postiço que suas vozes me soam sempre carnavalescas. Não consigo me entusiasmar por certas andradices de Mário. Prefiro as andradices “modernistas” do outro Andrade, embora “*Noturno de Belo Horizonte*” – de Mário – me pareça um belo poema numa nova língua portuguesa. (FREYRE, 1975, p.132).

Nas grandes cidades do Nordeste o quadro urbano, cultural e social era diferente: uma realidade estagnada marcada pelo riquíssimo legado artístico e cultural de um passado multissecular. Passado que se fazia presente a cada momento no orgulho e na consciência dos artistas e intelectuais da região. Neste contexto, o “atraso” e a “estagnação” da região foram interpretados – no plano cultural – como uma “vantagem” em relação ao sul do Brasil, e foram idealizados a partir do conceito romântico de “pureza” e “autenticidade” culturais [4].

Recife (PE) assistia a um forte embate intelectual e cultural de idéias Modernistas e Regionalistas. O jornalista Joaquim Inojosa exercia forte influência no Jornal do Comércio, e defendia a difusão dos textos e dos postulados modernistas apresentados na Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo. Inicialmente, atraiu intelectuais locais como Austro Costa – poeta das mulheres e dos sorrisos, famoso por suas quadras irreverentes –, Ascenso Ferreira – poeta com grande sabor folclórico –, e vários jornalistas da região. J.Inojosa promovia a propaganda “futurista” ou “modernista” advogando a supremacia da modernidade e do desenvolvimento urbano-industrial, enquanto outros escritores e jornalistas defendiam uma “certa” preservação da tradição e do sentimento regionalista. Os debates se estenderam por anos, e provocaram o surgimento de revistas como Mauricéia – modernista – de J.Inojosa e a Revista do Norte – regionalista – dos irmãos Albuquerque Melo (Andrade, 2002, p.27, 29-30).

O regionalismo nordestino tinha suas raízes principais em Pernambuco, Estado mutilado pelos governos centrais desde o império, e que guardava o espírito revolucionário e republicano forjado por uma história de lutas importantes: a resistência ao domínio holandês; a Guerra dos Mascates; a revolução de 1817; a Confederação do Equador; a revolução praieira, federalista e com alguns setores republicanos, em 1848; a campanha abolicionista, liderada por Joaquim Nabuco e José Mariano. Tradição revolucionária cultivada, sobretudo pelo empenho do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, fundado em 1862.

Neste contexto, Gilberto Freyre reconhecia a necessidade de modernização do Nordeste brasileiro, mas afirmava que estas transformações deveriam preservar as tradições regionais, pois o desprezo pelas origens e a destruição das referências do passado conduziria o Nordeste a perda de sua memória cultural. Freyre considerava inoportuno o movimento modernista brasileiro iniciado em São Paulo, movimento que apregoava a libertação brasileira da dominação cultural européia, mas que se abeberava no pensamento modernista de Marinetti.

Freyre se uniu a um grupo de pessoas ligadas a várias posições políticas e a famílias tradicionais, mas comprometidas com a defesa da cultura pernambucana: o professor de Direito e internacionalista Odilon Nestor, o médico Alfredo de Moraes Coutinho, o usineiro e jornalista (diretor do Diário de Pernambuco) Carlos Lyra Filho. Também reuniu em torno de si pessoas que compartilhavam idéias regionalistas: o amigo José Lins do Rego – panfletário do jornal D.Casmuro, associado a Osório Borba; seu primo psiquiatra Ulisses Pernambucano; o psicólogo social Sílvio Rabelo; o crítico literário e historiador Olívio Montenegro; o jornalista Aníbal Fernandes; o desenhista Manuel Bandeira, entre outros.

Assim, reconhecia o crescimento de uma forte consciência regional no país e defendia que a polarização entre a região e a federação era mais importante que entre os estados e a federação, pois a identidade regional era mais forte que a estadual. Para Freyre, o Brasil poderia ser comparado a um arquipélago, pois as várias porções de seu território estavam polarizadas em torno de cidades litorâneas que se comunicavam pela navegação de cabotagem.

Seu apego ao regionalismo provocou críticas e ataques incisivos de todos os lados. Os escritores regionalistas eram classificados como retrógrados e bairristas. Seus opositores interpretavam sua defesa das tradições e da região como apego aos valores de uma sociedade arcaica que estava em extinção. O respeito à tradição em uma sociedade marcadamente agrária foi interpretado como uma forma velada de reforçar estruturas conservadoras e impedir o desenvolvimento do processo urbano-industrial vitorioso no Rio de Janeiro e São Paulo, e incipiente em Pernambuco e na Bahia, que desfrutaram do esplendor no período colonial e no início do império, mas perderam importância econômica e política com a República, dominada pela política do “café com leite”. Apesar dos ataques, os intelectuais do Nordeste abriram espaços na literatura e nas ciências sociais, e Gilberto Freyre participou ativamente deste processo com artigos no Diário de Pernambuco; com a organização do *Livro do Nordeste*, em 1925; e com a participação no Congresso Regionalista [5], realizado no Recife (PE), em 1926.

O velho Diário de Pernambuco, fundado em 1825 por A. J. de Miranda Falcão, completava seu centenário como o jornal mais antigo em circulação na América Latina. Localizado na Praça da Independência, no Recife, também chamada de “Praça do Diário”, era considerado um dos jornais mais importantes do país, e orgulhava-se de sua participação ativa em campanhas políticas memoráveis e acontecimentos decisivos na história regional e nacional. Depois de controlado pelo grupo Conselheiro Rosa e Silva, foi adquirido pelo grupo Carlos Lyra, proprietário da Usina Serra Grande em Alagoas, e colocado sob a direção de Carlos Lyra Filho, jornalista politicamente conservador, mas aberto a inovações que não confrontassem a poderosa oligarquia açucareira que representava.

Em 1925, Carlos Lyra Filho convidou Gilberto Freyre, que estava com apenas 25 anos, mas já era conhecido nos meios artísticos e intelectuais, para organizar um livro comemorativo do centenário do Diário de Pernambuco. Freyre imprimiu sua marca regionalista e indiciária na organização desta obra, pois deixou de lado o enaltecimento dos grandes acontecimentos como a colonização duartina, a vitória sobre os flamengos ou as revoluções libertárias. Freyre encarregou alguns intelectuais, escritores e artistas regionais para apresentação de estudos sobre os cem anos de vida no Nordeste, mas de uma perspectiva da micro-história, destacando o açúcar, a economia, a vida estudantil, os costumes, as tradições, a mulher, as festas, a música, a arte, o teatro, a literatura, a escravidão, ou seja, as particularidades históricas e culturais do Nordeste [6].

Oliveira Lima, Fidelino de Figueiredo, e Francis Butler Simkins escreveram artigos sobre o açúcar; Aníbal Fernandes escreveu um ensaio sobre os problemas da capital pernambucana; a vida estudantil no Recife foi contada por Odilon Nestor; o poeta Manuel Bandeira escreveu *Evocação do Recife*, e recordou os hábitos e costumes que presenciou quando criança na casa do avô, na Rua da União, e as lembranças felizes dos banhos no rio Capibaribe; alguns especialistas escreveram sobre a economia de Pernambuco: a agricultura e a pecuária por Samuel Hardmenn, a indústria e o comércio por Gaspar Perez, a viação férrea por Graciliano Mendes; Luis Cedro escreveu um ensaio sobre D.Vital, bispo que enfrentou o poder imperial e a maçonaria; Joaquim Cardoso escreveu uma análise da poesia de Manuel Bandeira; Henrique Castriciano apresentou o perfil da poetisa norte-rio-grandense Nysia Floresta, que defendia ardorosamente posições feministas avançadas no século XIX; os temas antropológicos foram apresentados em suas particularidades locais: Júlio Belo escreveu sobre festas de engenho; Eloi de Souza realizou um estudo detalhado sobre os cantores do Nordeste; Leite Oiticica escreveu sobre a arte da confecção de rendas; Euclides Fonseca apresentou um ensaio sobre a vida musical no Nordeste; o teatro foi discutido por Samuel Campelo; a literatura foi objeto de estudo de França Pereira; o Movimento Abolicionista foi tema do paraibano Coriolano de Medeiros; o jornalismo por Manoel Caetano; Mário Belo escreveu sobre o Diário de Pernambuco e seu fundador Antônio José de Miranda Falcão; o drama das secas foi apresentado pelo cearense Tomás Pompeu Sobrinho.

O *Livro do Nordeste* (1925) tornou-se um dos principais documentos publicados sobre a vida nordestina, e apresentou uma rica profusão de estudos de historiadores, cientistas sociais, escritores, biógrafos, memorialistas, artistas e jornalistas. Obra de caráter regionalista, que representou o esforço de contraposição às tendências modernistas, voltadas para o futurismo italiano e para a idealização brasileira quase abstrata, presentes no antropofagismo de Oswald de Andrade e no indianismo extemporâneo dos integralistas de Plínio Salgado [7].

Gilberto Freyre também apresentou ensaios de sua autoria no *Livro do Nordeste*: “A pintura no Nordeste”, “Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição” e “A cultura da cana no Nordeste, aspectos do seu desenvolvimento histórico” [8].

O livro, decidi que fosse principalmente sobre o Recife, a capital do Nordeste. Que fosse um documentário sob critério regional: o do Nordeste, do Brasil, sua história, sua economia, sua cultura. Creio que é a primeira publicação desse gênero no Brasil. Quase sem despesas para o Diário, consegui colaboração de gente de primeira ordem, eu indicando os assuntos, dentro do plano traçado sob aquele critério regional: artigos de Oliveira Lima, Fidelino, Simkins, Samuel

Hardman, Odilon Nestor, um, sobre rendas do Nordeste, do velho Oiticica de Alagoas, que relutou muito em escrever o ensaio, aliás, excelente, dizendo que “isso de renda é coisa de mulher”, Aníbal Fernandes, Manuel Caetano de Albuquerque, Luís Cedro. E o poema de Manuel Bandeira, que pedi a esse outro Bandeira, sem o conhecer pessoalmente, que escrevesse, dando-lhe o tema: só pelo fato dele vir me escrevendo cartas já de amigo. Pedi-lhe o poema sobre o Recife do seu tempo de menino (a história da infância é hoje minha maior obsessão desde que penso num livro sobre a história da vida de menino no Brasil – nos engenhos, nas fazendas, nas cidades). Ele escreveu-me que não costumava fazer poemas sobre assunto encomendado: seria uma exceção. (FREYRE, 1975, p.176).

No ensaio sobre a pintura no Nordeste, Freyre lamentou a falta de obras mais expressivas sobre os detalhes da vida íntima e do comportamento corriqueiro no Nordeste do século XIX. Pinturas sobre: intimidade familiar, vestuário, atividades domésticas, decoração das casas, mobiliário, vasilhames; mulatas, caboclas e negras; pretas-minas; mulatos e negros; procissões e festas de igreja; frades esmoleiros e irmãos das almas; sinhazinhas brancas a caminho da missa. Freyre também lamentou a falta de pinturas sobre o desembarque de africanos, que às vezes chegavam podres de pústulas, escorrendo sangue, manando pus: restos de homens grotescamente reduzidos à condição de “bonecos” e meras “mercadorias”. Detalhes desprezados por pintores que preferiam aspectos maiores como casas-grandes, igrejas, guerras, revoluções e grandes vultos históricos (Freyre, 1941b).

Freyre apresentou o ensaio sobre a vida social no Nordeste, considerando os critérios utilizados na elaboração de sua tese de mestrado acerca da vida social no Brasil: *l'histoire intime* e a pesquisa minuciosa do cotidiano. Neste ensaio, aprofundou as questões discutidas em estudos anteriores, reafirmando a importância que atribuía aos detalhes ínfimos da paisagem histórica-social. Freyre realçou temas outrora discutidos superficialmente e apresentou uma pesquisa detalhada e exaustiva do Nordeste de 1825 a 1925. Com a maestria dos grandes retratistas descreveu cada detalhe de forma científica e poética, pintando um painel histórico multifacetado em sua cotidianidade e intimidade.

Assim, descreveu minuciosamente a produção de artigos como estribos, candeias, sapatos, tijolos, telhas, bacias, tachos, caldeirões e velas nos grandes engenhos; as atividades domésticas como a fiação, as rendas, os bordados, o fabrico de doces, geléias, manteiga e vinhos, realizadas pelas próprias senhoras; os banquetes; as carruagens e as carroças; o vestuário; as danças graciosas; os móveis rústicos de madeiras nobres; o luxo da prataria e da porcelana; os santuários e baús encourados importados de Portugal; os espelhos de Nuremberg e móveis de carvalho da Alemanha; os serviços de mesa, jarros e trabalhos de filigrana da China, Índia e Japão; as casas medievalmente aconchegadas; a culinária e os temperos; as colchas de damasco e de seda; a ostentação dos vestidos das senhoras e sinhazinhas; as jóias e tetéias; os leques chineses; os oratórios de caixilhos; as orações; os cantos de igreja; as missas; as capelas de engenho; os chapéus altos, as sobrecasacas pretas e os fraques cinzentos dos grandes fidalgos; a sobrecasaca e a cartola dos desembargadores, juizes, advogados e médicos; o negro velho curandeiro; os mexericos; as comadres; as parteiras; os feitiços; os negociantes; as combinações e os namoros de rua; os cabeleireiros; os balaieiros de verduras e frutas; os vendedores de galinha; a educação da menina e do menino; a primeira comunhão; o ensino nas escolas; as roupas apropriadas para a escola; os banhos de rio; as histórias contadas pelos escravos; a poesia popular; o folclore; as cantigas; a arquitetura das casas de engenho e dos sobrados urbanos; os senhores de engenho; as senhoras; os negrinhos; as mulatas; as pretas; o escravo negro; a abolição; as festas; as quadrilhas e os enterros (Freyre, 1941c).

Por fim, concluiu seu ensaio lamentando o desinteresse pelo passado e pelas tradições regionais, no Nordeste brasileiro:

Nestes cem annos mudou de rythmo sua vida social; é outra, bem diversa da de 1825, a cadência do trabalho nas cidades e nos proprios campos, substituidos os vagares quase

medievas das antigas construções de pedra pelos furores ianques das modernas empreitadas de cimento armado. E essas construções fora das tradições e do espírito da região.

Os enterros – mesmo os dos ricos, no Recife – não se fazem mais a pé, com aquelle vagar exagerado e talvez morbido de outrora, pelo silencio das noites quentes, entre tochas de alcatrão, cantos de padre em latim e vozes de negros de uma plangência estranhamente nasal dizendo adeus ao sinhô, à sinhá-dona ou ao sinhozinho para sempre desaparecido.

Talvez em nenhuma parte do mundo os enterros se façam hoje tão às pressas como nas cidades do Nordeste do Brasil. Nem em New York são assim os enterros. O que talvez signifique certo desinteresse da gente actual desta região brasileira pelo seu passado, pelas suas tradições e pelos seus mortos. Resta saber até que ponto semelhante desinteresse será saudavel e capaz de criar, dentro dessa quase independencia das tradições, alguma coisa de superior ao que criaram os antepassados. (Freyre, 1941c, p.194).

Em 1926, Gilberto Freyre viajou ao Rio de Janeiro para realizar pesquisas históricas sobre o período colonial brasileiro e registrou em seu diário sua decepção pela descaracterização arquitetônica e urbana da capital federal, que classificou como “mau gosto”, “arrivismo”, “rastaquerismo”, “caricaturas ruins” em nome do progresso e do moderno. E escreveu indignado: “E certos ‘modernistas’ a acharem isto ‘bonito’, ‘progressista’, ‘moderno’ e a se regozijarem com a destruição das ‘velharias’. São uns cretinos, esses ‘modernistas’.” (Freyre, 1975, p.183).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que geralmente se imagina, nosso jovem escritor e cientista social pernambucano era um moderno. Admirava as realizações e conquistas do pensamento moderno, sobretudo, nas artes, letras, filosofia e ciência. Mas repudiava o desprezo que alguns modernistas manifestavam pelo ‘passado’, pela ‘tradição’ e pela ‘memória’. Via nesta atitude, uma modernidade arrogante e insensata. Em sua perspectiva, era preciso advogar uma modernidade em conciliação com a tradição, ou seja, um ‘equilíbrio de antagonismos’ entre o novo (moderno) e o antigo (passado).

Neste contexto, podemos afirmar que sua indignação constitui mais um sintoma da nostalgia e do conservadorismo romântico que sempre cultivou em relação ao passado brasileiro. No entanto, seu comportamento não deve ser confundido com a negação insana do presente e do futuro, mas como uma tentativa desesperada de salvaguardar os vestígios de nossa história e de reconquistar a memória de sua infância perdida. Esta busca pelo ‘tempo perdido’, pode ser interpretada como pura ‘introspecção proustiana’, poética, científica, artística... E ainda, como crítica aos estrangeirismos presentes no Modernismo Brasileiro do eixo Rio-São Paulo, na década de 1920.

Outrossim, o jovem Gilberto Freyre apregoava a construção de nossos próprios modelos intelectuais, artísticos, políticos e econômicos, para pensar o Brasil e a América Latina. Mas, para realizar esta tarefa ‘urgente’, seria preciso voltar-se para a realidade nacional e latinoamericana, ao invés de ater-se ao que estava escrito nos livros estrangeiros.

NOTAS DE PÁGINAS

[1] O tema deste trabalho foi inicialmente investigado em minha tese de mestrado *Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas. CCHN/UFES, Vitória, Brasil (Coelho, 2007).

[2] A participação e apresentação deste trabalho no ALAS, Santiago, Chile (2013) foi possível pelo apoio e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), através de bolsa de doutorado e taxa de bancada.

[3] Trecho do discurso de adeus ao colégio, proferido pelo jovem Freyre em novembro de 1917. Freyre completou seus estudos secundários no Colégio Americano Batista Gilreath, onde recebeu o grau de Bacharel em Ciências e Letras (Freyre, 1941a).

[4] “Ora, entre a década de 1870 e a de 1920, a situação geral do Nordeste agrário e patriarcal não sofrera nenhuma modificação expressiva. Ao contrário, em termos relativos, o contraste desvantajoso com o Sul próspero e a caminho de uma rápida industrialização tornara-se ainda mais acentuado. Dentro deste quadro, não teria qualquer sentido a exaltação modernista e “futurista” de um Mário de Andrade. Para um intelectual nordestino, em busca de afirmação no plano nacional, não se tratava de encontrar linguagens artísticas revolucionárias para exprimir um mundo em acelerada transformação, mas de procurar apoiar-se na riqueza das tradições culturais e artísticas locais, para fazer de sua revalorização bandeira de luta.” (Almeida, 2003, p.321).

[5] Ver Andrade, 2002, p.36-40; Albuquerque JR, 1999, p.71-73; Ventura, 2000, p.16.

[6] No editorial de abertura do *Livro do Nordeste*, Freyre afirmou que essa obra era um “inquérito da vida nordestina; a vida de cinco de seus Estados, cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam nos últimos cem anos.” (Freyre, 1925, p.75).

[7] “Numa clara demonstração de flexibilidade intelectual, o *Livro do Nordeste* evidencia que rendas e janelas podem conviver, lado a lado, com estatísticas comerciais ou municipais [...] Sua insistência é no sentido de que fossem abandonadas convenções plásticas européias, substituindo-as por temas que dissessem mais da região nordestina.” (Dimas, 2003, p.329-333).

[8] Com o auxílio do Coronel Pedrinho de Japaranduba e de Brás Ribeiro, Freyre organizou uma exposição para o lançamento do *Livro do Nordeste*: móveis, prata, jóias e porcelanas ligadas ao passado do Nordeste e de Pernambuco. A exposição foi um sucesso e o livro foi muito elogiado pela crítica regional e nacional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. (1999). *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez.
- ALMEIDA, José M. G. de. (2003). Regionalismo e modernismo: as duas faces da renovação cultural nos anos 20. In: Kosminsky, Ethel V. *et alli.* (Orgs.). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC (315-325).
- ANDRADE, Manuel Correia de. (2002). *Gilberto Freyre e os grandes desafios do século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- BARROS, Sérgio M.P.; RAMOS, Ricardo e HOLANDA, Sérgio B. de. (1980). Raízes do modernismo. In: *Nosso século: a memória fotográfica do Brasil no século XX*. Fascículo n.42. Período: 1910/30. São Paulo: Abril Cultural (177-192).
- COELHO, Claudio M. (2007). *Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas. CCHN, UFES, Vitória.
- DIMAS, Antônio. (2003). Um manifesto guloso. In: Kosminsky, Ethel V. *et alli.* (Orgs.). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC (327-346).
- FREYRE, Gilberto. (1925). *Livro do Nordeste*. Recife (PE). Diário de Pernambuco.
- _____ (1941a). Adeus ao collegio. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio (43-53).
- _____ (1941b). Algumas notas sobre a pintura no Nordeste do Brasil. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio (79-106).
- _____ (1941c). Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio (107-194).
- _____ (1975). *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MOTTA, Marly Silva da. (1992). *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV-CPDOC.
- VENTURA, Roberto. (2000). A saga da cana-de-açúcar. In: *Céu & inferno de Gilberto Freyre*. Caderno Mais! Folha de São Paulo. São Paulo, março, 12 (16-17).